
3. Mitologías: el héroe, la raza

As Idealizações de Sucesso no Imaginário Futebolístico Brasileiro: um estudo de caso

◀◀◀ Ronaldo Helal*

Introdução

Os êxitos e conquistas de ídolos e celebridades despertam a nossa curiosidade. Suas trajetórias de vida rumo à fama e ao estrelato costumam ser narradas na mídia de forma mítica, conferindo uma maior dramaticidade às conquistas. No Brasil, estas narrativas das trajetórias de vida dos ídolos enfatizam sobremaneira a genialidade e o improviso como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso. Isto torna-se ainda mais evidente nos universos das artes e dos esportes. Acredita-se, por exemplo, que as estrelas da música popular brasileira não precisam de muito “treino” ou “trabalho” para compor suas canções. O talento e a genialidade seriam suficientes. Outro exemplo poderia ser o da seleção brasileira que conquistou o tricampeonato em 1970, até hoje idealizada como uma equipe que não precisava treinar e tampouco necessitava de recomendações táticas, quando sabemos que, na verdade, a comissão técnica se utilizou de métodos de condicionamento e preparação física dos mais modernos da época. Ou ainda o da seleção que conquistou o tetracampeonato em 1994, criticada por parte considerável da mídia justamente por deixar claro a ênfase em uma “marcação forte” e uma rígida disciplina tática. Mesmo vencedora, o trabalho do técnico da seleção até hoje não foi reconhecido, como não foram também os trabalhos dos técnicos das outras conquistas (Rocha, 1996).

* Ronaldo Helal é professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Doutor em Sociologia pela New York University; Pesquisador do CNPq; Autor de *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Editora Vozes, 1997 e de *O Que É Sociologia do Esporte*, Brasiliense, 1990.

Qual a relação das idealizações que os brasileiros fazem das conquistas e do sucesso dos ídolos com os “mitos” de sua cultura? Por que “constróem-se” narrativas que mitificam o êxito e o sucesso sem a ênfase no trabalho e no esforço? Por que falar em “esforço” seria um demérito neste país? Não existiriam também outros paradigmas de idealização de sucesso? E se eles existem, não seriam também vertentes brasileiras, mas pouco cultuadas? São estas questões que vão permear as reflexões deste artigo, que se propõe a analisar criteriosamente a idealização do sucesso contida na biografia do maior ídolo do futebol brasileiro nas décadas de 70 e 80: o atleta Zico, hoje um bem-sucedido empresário.

Ao tratar da biografia de um atleta esportivo, enfatizamos uma diferença básica entre ídolos deste universo e de outros, como música e dramaturgia. Enquanto os primeiros freqüentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente carregam estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. É uma competição que ocorre dentro do próprio universo do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte são considerados “heróis”. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”.

Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela. De fato, o mito, conforme nos ensina Eco, é uma “projeção na imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, uma comunidade, em toda uma época histórica” (1979: p. 239).

A quantidade de ídolos na história do futebol brasileiro é muito grande. Diferentes enquanto sujeitos, suas biografias podem ser agrupadas em alguns modelos ou arquétipos singulares, próprios da cultura. Enquanto paradigmas de alguns modelos de existência, as biografias destes heróis “editadas” pela mídia falam freqüentemente de trajetórias recorrentes (Coelho & Helal, 1996). Assim, agrupar alguns modelos de ídolos do futebol brasileiro e investigar a edição “midiatizada” de suas trajetórias podem nos ajudar a entender melhor a relação entre mídia e cultura popular.

A escolha da biografia de Zico deveu-se ao fato de se tratar do maior ídolo do nosso futebol durante as décadas de 70 e 80 e estrela de uma geração de jogadores vitoriosos em seus clubes mas que não lograram êxito em Copas do Mundo.² Figura muitas vezes contestada quando saía do universo do Flamengo, a bio-

grafia de Zico fala da luta do “fraco” contra o “forte”, da vitória através do trabalho e da determinação, e de uma sucessão de obstáculos e provações que ele teve que superar. Construída em uma época em que o futebol ainda não era um fenômeno totalmente “mediatizado”, a narrativa da figura mítica de Zico é um emblema de um modelo que une profissionalismo com paixão, determinação com prazer, esforço com alegria de praticar o futebol. Inclusive, o filme “Uma Aventura do Zico”, de Antônio Carlos da Fontoura, lançado em 1999, expressa exemplarmente estas junções presentes na biografia de Zico.

A análise concentra-se em duas biografias do atleta. Uma, *Zico: Uma Lição de Vida*, escrita por Marcus Vinícius de Bucar Nunes e publicada em 1986 pela Offset Editora Gráfica e Jornalística; portanto, com o jogador ainda em atividade e no auge da idolatria. A outra é *Zico Conta a sua História*, escrita por ele mesmo e publicada em 1996 pela FTD, quando já era um bem-sucedido empresário do ramo futebolístico. Notemos que a FTD é especializada em livros dirigidos para o público juvenil. A publicação da biografia de Zico nesta editora revela a crença na importância da sua história para a formação do caráter.

Mito, Talento e Esforço

Esforço e determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito são, muitas vezes, relegados a um plano secundário nos discursos construídos pelos cronistas brasileiros inseridos nos universos das artes e dos esportes. No caso específico do futebol, chega a ser até uma crítica contundente chamar um jogador de “esforçado”. Esta é uma maneira de se dizer que o sujeito não tem talento, porém se esforça. A forma oposta seria o talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado, como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo. Frequentemente, quando tratamos de ídolos do futebol brasileiro nos deparamos com uma narrativa que idealiza talentos inatos e irreverência como ingredientes do sucesso. A biografia de Zico fala de uma outra realidade, calcada primordialmente no domínio do esforço e da determinação como instrumentos basilares para se alcançar êxito. É justamente esta faceta da biografia de Zico que gostaria de chamar a atenção, pois ela nega uma ideologia de sucesso cultuada no imaginário brasileiro quando se trata de ídolos futebolísticos. A partir daí podemos entender como as narrativas das biografias destes ídolos, além de possuírem vários aspectos recorrentes e semelhantes, fundamentais na construção da figura mítica do herói, carregam também elementos diferenciados que servem para formar paradigmas distintos e aparentemente antagônicos no imaginário brasileiro.

Assim, temos na biografia de Zico uma ênfase inicial no passado relativamente pobre e no prazer e talento inato para jogar futebol que surgiram bem no início da infância.

Nasci numa rua chamada Lucinda Barbosa, em Quintino, um subúrbio do Rio de Janeiro (Zico, 1996: p.7). Minha mãe tem horror a hospital e por isso deu à luz em casa, com a ajuda de uma parteira amiga da gente —bem como Dona Matilde queria e como muita gente da vizinhança fazia naquele tempo. Sou o caçula de uma família numerosa (Zico, 1996: p.8).

Quintino, aquele bairro humilde da Zona Norte do Rio de Janeiro. (...) A casa dos Antunes continua ali na rua Lucida Barbosa, uma rua típica de cidade do interior. (...) Lá no alto, a casa (...) simples, com aquela varanda, um pequeno jardim e um portão rangedor, que chiava sempre quando era aberto, avisando a chegada de alguém (Bucar Nunes, 1986: p.15).

Futebol era o que mais me dava prazer na vida. Contam lá em casa que, depois de papai e mamãe, a primeira palavra que eu disse foi Dida —meu primeiro e até hoje meu maior ídolo no futebol (Zico, 1996: p.12).

Os seus brinquedos preferidos: a bola, depois a bola, e depois ainda, a bola. (...) Nas peladas, onde o valor individual era demonstrado na hora da escolha dos jogadores de cada equipe, passou a ser preferido.

- Par ou ímpar

- Par. Um, dois, três e já!

- Ganhei. Quero o Zico! (Bucar Nunes, 1986: p.17).

Geralmente, as biografias dos ídolos chamam a atenção para a infância pobre e o talento e a vocação como características inatas. Nisto a biografia de Zico não se diferencia das dos demais astros do esporte e até mesmo da música e do teatro, por exemplo. Em outra ocasião (Coelho & Helal, 1996) verificamos as mesmas características nas biografias do lendário jogador de beisebol Babe Ruth e da cantora Tina Turner. A ênfase na boa formação familiar de Zico é, no entanto, bem diferente das narrativas de Babe Ruth e Tina Turner, já que ambos tiveram perdas terríveis na infância. O fato é que a pobreza ou a infância simples ajudam na identificação com o homem comum, e o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis, fazendo com que os ídolos sejam vistos como seres singulares, diferenciando-os dos demais. Assim, a infância simples e o talento como algo natural são facetas da história de vida de Zico que ajudam a humanizá-lo e mitificá-lo ao mesmo tempo. Em uma análise sobre a figura de Zico elaborada em meados da década de 80, o escritor Artur da Távola esclarece que:

Ele (Zico) despontou há alguns anos como o próprio herói da mitologia em sua primeira fase, chamada de “inocência”, ou “alheamento”, quando ainda é figura pura e sem mácula (...) A figura de comunicação de Zico presta-se à perfeição a essa primeira etapa; provém de uma família de subúrbio muito unida e amiga, vive no e para o lar, é um rapaz simples, incapaz de um gesto desleal e traz apenas o seu talento fora do comum para o futebol (a espada, o escudo ou o capacete ou a capa do herói) (Távola, 1985: p. 356).

De fato, a biografia de Zico é permeada por um constante processo de junção entre o homem e o mito, o ordinário e o extraordinário, fundamental para a identificação do ídolo com os fãs. Neste sentido, ao dizer que Dida é até hoje seu maior ídolo no futebol, temos, mais uma vez, o Zico reverente, humano, ordinário. É o extraordinário, juntando-se ao ordinário, ao “homem comum” que tem seus ídolos e os reverencia. De fato, os ídolos têm que conviver constantemente com o drama de ser dois: o homem e o mito. Como no futebol é comum o jogador possuir um apelido (pelo qual é conhecido e famoso), podemos dizer, por exemplo, que por detrás dos “homens” Edson, Diego e Arthur, surgiram os “super-homens” Pelé, Maradona e Zico. Notemos que esta “esquizofrenia” inerente ao ídolo ou essa divisão em duas *personas*, uma “público-mítica”, outra “privada-humana”, pode aparecer explicitamente nos discursos de alguns deles como Pelé, por exemplo, que sempre frisou a diferença entre “Pelé” e o “Edson”.

A partir deste processo comum em quase toda a narrativa mítica da figura do herói, a biografia de Zico passa a privilegiar o esforço e o trabalho como determinantes para se atingir o sucesso. De forma exemplar, é o próprio Zico quem diz no prefácio do livro de Bucar Nunes, *Zico: Uma Lição de Vida*:

Sempre entendi, desde menino, que ninguém será capaz de exercer bem a sua profissão sem se exercitar bastante e sempre para o exercício dela. Afinal, não aprendemos que o maior merecimento dos vitoriosos é confiar, apaixonadamente, na eficácia do trabalho? Acho que isto deveria ser, sempre, o objetivo maior de cada um de nós: lutar por aquilo que se gosta. A vitória será consequência. Mas, sem dúvida, muita luta, muito trabalho, muito suor existem no caminho da determinação de cada um (Bucar Nunes, 1986).

Este é um discurso mais próximo da ética puritana das sociedades anglo-saxônicas, afastando-se do modelo “Malasartes” e “Macunaíma” que parte da mídia tende a cultuar no Brasil, especialmente no domínio do futebol. Talvez um estudo sobre a construção da figura mítica de Romário, por exemplo, nos revelaria uma biografia muito mais próxima do modelo “Malasartes” e “Macunaíma”, exaustivamente analisado por Roberto da Matta (1979) que, inclusive, traz para o discurso acadêmico a narrativa do “malandro” como uma vertente tipicamente brasileira, corroborando, assim, a postura adotada por parte da mídia.²

O fato é que, em ambas as biografias de Zico, a postura “anglo-saxônica” é super enfatizada, tanto ou mais até do que o talento extraordinário do atleta.

A ascensão de Zico foi bastante gradual, com muitos obstáculos no caminho, a começar pelo seu corpo franzino que quase o impediu de, aos treze anos de idade, fazer um teste no Flamengo. Por isso, logo após se firmar na escolinha, Zico se submeteu a um árduo tratamento para reforçar a musculatura, o que o levou a renunciar a vários prazeres próprios da adolescência. Este período de sua vida ganha uma dimensão singular em sua biografia. Mais do que dificuldades finan-

ceiras, comuns nas histórias de vida dos astros do nosso futebol e que ajudam no processo de identificação com os fãs, esta passagem na vida de Zico fala de determinação, esforço e renúncia, dando início a uma trajetória repleta de obstáculos rumo ao posto de estrela maior do futebol brasileiro.

O despertador tocava no horário habitual: 5h30m da manhã. Com a roupa do colégio e devidamente alimentado com um café da manhã reforçado, partia para o ponto de ônibus ou para a estação de Quintino. A primeira parada de ônibus ou do trem era a Central do Brasil. Daí à Gávea (...). Chegava cerca de meia hora antes do treino, que iniciava às 9 horas. Mais ou menos às 11 horas estava deixando o campo número dois do Flamengo. Um banho rápido, almoço lá mesmo na cantina da Gávea, e pé na estrada, rumo à cidade, porque às 12h30m as aulas estavam começando. (...) Às 5 da tarde, no final da aula, tinha que tomar outra condução. O destino era, novamente, a Zona Sul da cidade onde, na Academia Paula Ribeiro, treinava firme até as 8 horas da noite. No retorno para Quintino, aí pelas 9 da noite, mesmo passando pela Central do Brasil para a tradicional ‘conexão’, o trânsito, facilitado pelo horário, era mais rápido: por volta das 10h30m da noite estava chegando em casa. Banho, um capricho na última alimentação do dia, e pumba... APA-GAVA (Bucar Nunes, 1986: p. 38).

A partir daí, passa-se a enfatizar primordialmente a obstinação, o autocontrole e a disciplina de Zico. Bucar Nunes afirma que ele “tinha orgulho do seu autocontrole, da sua determinação, em busca do seu objetivo” (Bucar Nunes, 1986: p. 32) E mais adiante destaca as palavras do médico responsável pelo tratamento: “o que mais me encanta (...) é o seu senso de responsabilidade. É fora do comum a dedicação desse garoto. Nessa idade, a turma geralmente contesta (...). Ele, não. Vai sempre com o mesmo pique, com a mesma vontade, seguindo, literalmente à risca, as nossas determinações” (Bucar Nunes, 1986: p. 39). E o próprio Zico ao se lembrar daquela rotina, faz a seguinte reflexão: “Anos depois, quando sofri aquela contusão no joelho, alguém iria me dizer que na vida a gente precisa de duas coisas: paciência e memória; e precisa de memória principalmente para lembrar que precisa ter paciência” (Zico, 1996: p. 26).

Este tratamento a que se submeteu ainda bem jovem fez com que Zico ficasse conhecido no início da carreira como “craque de laboratório”. Ou seja, de um planejamento “científico”, com a ajuda de médicos, nutricionistas e modernas técnicas e aparelhos de educação física, surgiu uma grande estrela do nosso futebol. Era o racional, o objetivo e o matemático unindo-se ao lúdico, ao talento e à improvisação. É interessante notar, no entanto, que apesar das biografias enfatizarem positivamente a dedicação de Zico a este trabalho “científico”, à época a alcunha “craque de laboratório” era utilizada, muitas vezes, de forma pejorativa, significando um craque não genuíno, fugindo das características “artísticas”, “espontâneas” e “criativas” do nosso futebol.³

Provações, Derrotas e Conquistas

O que se evidencia nesta biografia é que o mito Zico surge ancorado primordialmente em características de sua personalidade. Este fato é decisivo na construção da figura mítica. Brandão fala de “honorabilidade pessoal”, “excelência” e “superioridade em relação aos outros mortais” como virtudes inerentes à condição do herói. A “superioridade” de Zico em relação aos outros mortais encontra-se mais na forma com que enfrenta os desafios, os obstáculos e as perdas que a vida impõe, do que em seu talento extraordinário para a prática do futebol. Neste sentido, a construção da narrativa mítica em torno de Zico enquadra-se no rol dos arquétipos universais de idolatria aos heróis. Ela nos mostra que não basta o ato heróico em si, de forma isolada —no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói tem que preencher outros requisitos —tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo— para se firmar no posto.⁴ E Zico os preenche com bastante eficácia.

Ainda dentro desta idéia de arquétipo universal, observamos que a trajetória de vida de Zico é permeada por constantes desafios que ele superou com “armas” da sua personalidade para lograr êxito. Campbell explica que as “provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”. De fato, as provações na carreira de Zico começaram bem cedo. Depois do problema do corpo franzino, Zico sofreu uma grande decepção ao não ser convocado para as Olimpíadas de 1972. Seguindo o conselho do próprio técnico da Seleção Olímpica, Zico, que em 1971 já começara a jogar entre os profissionais, voltou para os juvenis a fim de ser convocado para as Olimpíadas que se realizariam no ano seguinte. A convocação não veio e Zico, a princípio, reagiu de forma “humana” e “ordinária”, com sentimento de revolta, decepção e muito abatimento: “alguma coisa, uma espécie de confiança nos outros, na justiça do mundo, tinha se desfeito. A seleção havia se classificado para os Jogos Olímpicos com um gol meu, eu confiara na promessa de convocação. Fiquei muito abatido e só pensava em largar o futebol” (Zico, 1996: pp. 33-34). No entanto, esta “derrota” na carreira do atleta o transformou em um “guerreiro” ainda mais lutador e obstinado: “a primeira semana de treino foi melancólica. Dura de chegar ao fim. Mas já na semana seguinte, ao lembrar da não convocação, treinava com mais garra ainda, transformando toda a sua revolta íntima em energia positiva para treinar” (Bucar Nunes, 1986: p. 52).

Porém, mesmo com toda esta dedicação e cada vez mais aprimorando a sua técnica, Zico levou um tempo para ser firmar na equipe profissional do Flamengo. Os técnicos temiam pelo seu corpo ainda franzino e ele passou o ano de 1973 no banco de reservas do time principal, sendo escalado em diversas posições durante as partidas. Contudo, até deste fato Zico tirou algo de positivo, enfatizando

que aprendeu a jogar em todas as posições do ataque, o que o tornou ainda mais versátil e completo para o futebol moderno (Bucar Nunes, 1986: p. 61; Zico, 1996: p. 36). Mas o que a biografia de Zico mais sublinha é o início de um caminho cheio de provações e obstáculos, superados através de um espírito de luta fora do comum: “foi um período difícil. Precisava me superar em cada jogo, em cada treino, provar a cada dia para todo mundo que tinha condições de ser titular” (Zico, 1996: p. 37).

A oportunidade para vir a ser titular da equipe veio em 1974, quando o técnico dos juvenis —que tinha sido campeão com Zico e que, portanto, conhecia todo o seu potencial— assumiu o comando do time profissional. Mais uma vez, uma surpresa: início do primeiro treino com o novo técnico no comando e Zico estava escalado na reserva. No entanto, este fato serviu para despertar definitivamente o espírito guerreiro e desenvolver o senso de profissionalismo: “agora a vontade maior era mostrar, imediatamente, a si próprio, que não iria faltar garra para dar a volta por cima mais uma vez. Com satisfação ou não, era profissional e estava ali para treinar” (Bucar Nunes, 1986: p. 63). O resultado foi que marcou dois “gols belíssimos” e os reservas venceram por 3 a 1 (Bucar Nunes, 1986: p. 64). Estava conquistada, de forma sofrida, a posição de titular. Deste momento em diante, Zico mitifica a camisa 10 do Flamengo, conhece a fama e transforma-se em um grande ídolo. Tudo isso, porém, em um caminho cheio de obstáculos e provações. Conforme ele mesmo diz:

Por toda a minha carreira, enfrentei diversas tentativas de desacreditar meu futebol. Já disseram que eu só era bom jogador no Maracanã, que não sabia jogar na seleção, que não suportava marcação à européia, e mais dezenas de acusações às quais respondia jogando. Era o que eu sabia fazer: jogar futebol (Zico, 1986: p. 45).

Aprendi com meu pai a respeitar meu trabalho e a valorizar o que consigo com meu esforço. Todo dia tínhamos que treinar finalizações e passes. São nossos instrumentos de trabalho. (...) Eu me habituei a ser o jogador mais cobrado. Estava em evidência o tempo todo, era minha responsabilidade, inclusive, dar o exemplo de dedicação e profissionalismo, não faltar aos treinos sem motivo justo, não perder vôos nem horários. (...) Eu queria fazer carreira, queria ser o melhor, ou pelo menos estar entre os melhores. Então, isso tinha um preço, havia responsabilidades incluídas nesse objetivo (Zico, 1996: pp. 56-57).

Referindo-se a um episódio ocorrido na vida de Zico em 1979, Bucar Nunes destaca de forma emblemática:

E foi com absoluta convicção que ele pôde comprovar, mais uma vez, que o TRABALHO com DETERMINAÇÃO (Os destaques são do autor) é o capital que menos falha. E, então, Deus ajuda. Os comentários, apesar do suces-

so do Flamengo e dos gols fora de série, que surgiam a cada partida, eram maldosos. Principalmente em relação aos jogos internacionais (...) Estava mostrando ao mundo que tinha condições de estar entre os melhores porque tinha trabalhado com afinco, desde criança, para vencer na sua profissão (Bucar Nunes, 1986: pp. 110-114) .

O que se verifica, de forma nítida, na biografia de Zico é a construção de uma narrativa na qual uma série de obstáculos, perdas e fracassos são sempre acompanhados de uma história de muito trabalho, determinação e profissionalismo: “nada acontece por acaso e para todas as coisas há um preço. Em qualquer atividade, treinamento e persistência são fundamentais” (Zico, 1996: p. 125). Dentro da explicação de Umberto Eco sobre o fascínio que o mito do super-homem exerce sobre nós, podemos dizer que do Zico “humano” —e as perdas das Copas do Mundo contribuíram para dar um tom ainda mais “humano” à sua biografia— surge o “ídolo”, um ser “extraordinário” que através de muita luta, treino, trabalho e esforço superou os obstáculos e atingiu a glória. No final das contas, estamos diante de um vitorioso, hoje um empresário bem-sucedido.

Assim, a biografia de Zico, ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, junta-se aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, “oficiais” —nas quais a mídia é o instrumento legitimador— no Brasil. Aqui, temos freqüentemente um ideal “essencializado” de seres “moleques” e “irreverentes”. O ponto que quero chamar a atenção é que a biografia de Zico, mesmo contrariando este padrão “oficial”, também é uma vertente brasileira. Posto que se faz sucesso é porque “cola” com os anseios da comunidade. Mesmo que a maioria dos modelos de idolatria em nossa sociedade enfatize um padrão mais próximo do que “essencializamos” como sendo tipicamente brasileiro, há espaço para outras narrativas mais universalistas, mas que nem por isso deixam de ser brasileiras. É importante estarmos atentos para os discursos que fogem dos padrões considerados “oficiais”. Eles podem ser extremamente reveladores de faces do Brasil que não nos acostumamos a celebrar.

Bibliografia

- Brandão, Junito de Souza 1993 *Mitologia Grega, vol. 3* (Petrópolis: Vozes).
- Bucar Nunes, Marcus Vinícius 1986 *Zico: uma lição de vida* (Brasília: Offset Editora Gráfica e Jornalística).
- Campbell, Joseph 1995 *O Herói de Mil Faces* (São Paulo: Cultrix).
- Coelho, Maria Claudia e Helal, Ronaldo 1996 “A Indústria Cultural e as Biografias de Estrelas: as histórias de Babe Ruth e Tina Turner” in *Cadernos Pedagógicos e Culturais* v5 n. 1-2 (Centro Educacional de Niterói).
- Da Matta, Roberto 1979 *Carnavais, Malandros e Heróis*. (Rio de Janeiro: Zahar).
- Eco, Umberto 1979 *Apocalípticos e Integrados* (São Paulo: Perspectiva).
- Helal, Ronaldo 1999 “Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol”, in *Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.2 (CEFD/UFMS).
- Helal, Ronaldo 1998 “Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia” in Rocha, Everardo (org.) *Cultura e Imaginário* (Rio de Janeiro: Mauad).
- Helal, Ronaldo 1998 “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói”, in *Motus Corporis* vol. 5 n.2 (Rio de Janeiro: UGF).
- Helal, Ronaldo & Gordon J., Cesar Claudio 1999 “Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol”, in *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro: FGV).
- Morin, Edgar 1980 *As Estrelas de Cinema*. (Lisboa: Horizonte).
- Rocha, Everardo 1996 “As Invenções do Cotidiano: o descobrimento do Brasil e a conquista do Tetra”, in *Pesquisa de Campo* n° 3-4 (Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ).
- Soares, Antonio Jorge G. 1998 *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. Tese de Doutorado. Programa de PósGraduação em Educação Física (Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho).
- Távola, Artur 1985 *Comunicação é Mito* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira).
- Zico 1996 *Zico Conta Sua História* (São Paulo: FTD).

Notas

1. Muitas das observações aqui apresentadas foram extraídas, com algumas alterações, do artigo “Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol”, publicado na revista *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.2 , ano 2, CEFD/UFSM, 1999.
2. Sobre uma discussão a respeito da reprodução de narrativas da imprensa pela academia ver Soares (1998) e Helal e Gordon (1998).
3. Esta observação está calcada em depoimentos tomados pelo autor de pessoas ligadas ao universo do futebol.
4. Para uma análise sobre o modelo universal da figura do herói, tendo como fonte de análise o filme “Herói por Acidente”, de Stephen Frears, ver Helal in Rocha (1998).

História e a invenção de tradições no futebol brasileiro

◀ Antonio J. Soares*

...devo dizer que,
se não há diferenças entre os fatos da história e da ficção,
então não faz sentido ser historiador. Eric Hobsbawm¹

Introdução

Ao recorrer à literatura, acadêmica ou jornalística, sobre o passado do futebol brasileiro, temos a impressão de estarmos sempre lendo os mesmos textos com variações não significativas. Em quase toda a produção sobre a história do futebol brasileiro encontram-se três momentos narrativos integrados ou amalgamados, que falam da chegada do futebol inglês e elitista ao Brasil, da sua popularização e do papel central do negro nesse processo. O primeiro momento narra a chegada do futebol e enfatiza a *segregação dos negros e dos pobres*, o segundo relata suas *lutas e resistências* e o terceiro descreve a *democratização, ascensão e afirmação* do negro no futebol. Esse tipo de narrativa, reproduzido no interior das ciências sociais, encontra sua origem e validade no livro *O negro no futebol brasileiro* (NFB),² escrito por Mário Filho, cuja primeira edição foi publicada em 1947 e a segunda, acrescida de dois novos capítulos, em 1964.³ Assim, o NFB funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias anti-racistas, independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir.

* Doutor pela Universidade Gama Filho, 1998; Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho-BRA; Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - Rio de Janeiro. Autor do livro *Futebol, Malandragem e Identidade*. Vitória, Secretaria de Difusão e Produção Cultural/Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.

A reiteração obsessiva de tal narrativa confirma, válida e faz verdadeira a história contada. Os “causos” e fatos descritos a partir do NFB assumem toda a carga explicativa, mais simbólica do que argumentativamente, do processo de exclusão, popularização, democratização e construção do estilo brasileiro de jogar futebol. A recontada história do futebol transforma-se em mito, tal como definiu Watt (1997: p. 16): “uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns valores básicos de uma sociedade”. Pode-se dizer que novas narrativas acabam por consolidar a tradição do futebol brasileiro (cf. Hobsbawm, 1997).

Mas, poder-se-ia perguntar, que problemas haveria em usar Mário Filho como fonte de fatos e interpretações da história do futebol brasileiro? De fato, não haveria problema algum se a obra fosse tomada como mais uma fonte de informação e contrastada ou cruzada com outras. O problema é que a obra em questão tem sido utilizada, no interior das ciências sociais, como prova para as interpretações, estabelecidas a priori sobre as relações raciais no futebol e sobre o singular estilo de futebol nacional. A carência de historiografia sobre o futebol converteu o NFB em clássico, na verdade em laboratório de provas, sem passar pelo rigor da crítica. Um dos sintomas da carência ou mesmo da ausência de fontes é o fato de os consumidores do NFB, que chamo de “novos narradores”,⁴ construirem legitimações acadêmicas da obra e de seu autor:

1 - [Em] *O negro no futebol brasileiro* Mário Filho faz uma verdadeira etnografia da relação do clube de fábrica com a vida social local dominada pela vida operária no bairro de Bangu. (Leite Lopes, 1994: p. 80)

2 - *O negro no futebol brasileiro* é uma obra de significativa importância para a história do futebol brasileiro (talvez a mais completa fonte historiográfica já levantada sobre nosso futebol) e, mais que isso, uma contribuição valiosa para a compreensão de nossa identidade. (Gordon Jr., 1995: p. 72)

Cabe ainda uma última palavra sobre o livro de Mário Filho. *O negro no futebol brasileiro* é um livro rico e interessante, um relato vivo e minucioso da luta do negro na sociedade brasileira, dentro de uma esfera particular e significativa - o futebol. Com ele, Mário Filho deixou um relato objetivo sobre a devida dimensão do futebol no processo de democratização das relações raciais no Brasil. (Gordon Jr., 1996: p. 77)

3 - Vale a pena citar Mário Filho, sem dúvida, o maior conhecedor do futebol brasileiro dessa época. Extremamente objetivo, o autor nos dá uma noção precisa da ascensão e perseguição ao Vasco, quando da conquista do campeonato em 1923. (Caldas, 1990: p. 46)

Os cientistas sociais que utilizam a obra de Mário Filho a qualificam de verdadeira, objetiva e completa. Parecem anunciar que, de fato, pouco se teria a di-

zer sobre o período coberto pela obra em questão. Contudo, a utilização acrítica de dados e interpretações do NFB faz com que os “novos narradores” acabem por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mário Filho, embora desejem atacar a democracia racial e acentuar o racismo ou a segregação na sociedade brasileira. Deixam de considerar que o NFB e seu autor sofreram as influências dos anos 30 e 40, marcados, sobretudo, pela mentalidade nacionalista e pela esperança da conciliação racial. As elaborações de Mário Filho sofreram a influência não só do pensamento de Gilberto Freyre, mas também de um “freyrismo popular”.⁵ A visão de Mário Filho, como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. A mensagem que se poderia extrair dessa visão é a de que não só o nosso racismo seria diferente, como estaríamos superando o racismo, embora os Estados Unidos, com todo o seu desenvolvimento, não o tenham feito. Por essa razão seríamos originais, especiais, e teríamos nossa própria história, identidade e futuro.

Mário Filho não escreveu história em sentido clássico, mas utilizou sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas sobre o futebol brasileiro. Construiu uma espécie de crônica-romance que é um épico do negro no futebol brasileiro, onde os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais. Tanto é assim que sua narrativa opera com uma espécie de deslocamento de foco: qualquer “causo” ou fato serve para colocar em destaque a separação entre brancos e negros (ricos e pobres), a resistência dos últimos aos primeiros e a singular integração nacional a partir do futebol. A narrativa do NFB acaba por emitir a mensagem: o futebol, quando branco, era um produto importado; quando preto e mestiço, torna-se brasileiro. Observe-se que esse tipo de narrativa em muito se assemelha à estrutura do conto, no sentido de Vladimir Propp (1984).⁶ O racismo no NFB pode ser pensado como o “inimigo interno” que impedia a realização da nação, mas que acaba derrotado, no plano da narrativa, enquanto a nação se realiza em função da integração do negro e da afirmação do futebol brasileiro (cf. Hobsbawm, 1990). Assim, o racismo fica subordinado à unidade nacional na narrativa. De fato, o NFB pode ser pensado com um texto que se ajustou à construção do sentimento de nacionalidade de sua época.

Diante dessa alternativa de leitura, a utilização da obra de Mário Filho pelos “novos narradores” poderia ser qualificada como pouco virtuosa, talvez oportunista e, sobretudo, utilitária, por parte daqueles que se nutrem de seus dados e interpretações para denunciar o racismo, a segregação e a ideologia da democracia racial; para achar ou inventar os “processos de resistência do negro”; e, por fim, para elogiar a afirmação do negro no futebol e o processo de democratização. Os “novos narradores” ao combaterem a democracia racial salientando o racismo com dados e “causos” do NFB, acabam por ser tragados pela construção nacionalista de Mário Filho e terminam, mesmo sem desejarem, elogiando a integra-

ção nacional no símbolo do futebol. Os “novos narradores” continuam à narrativa de Mário Filho para manter viva as tradições inventadas sobre o Brasil e seu futebol. Essa é a principal hipótese que pretendemos desenvolver ao longo deste texto.⁷

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira realizo uma síntese parcial da obra de Mário Filho e da estrutura de seu livro. Na segunda apresento como a estrutura narrativa do NFB está reproduzida no interior das ciências sociais.

O conto de Mário Filho e a invenção de uma tradição

A narrativa do NFB mais se aproxima do campo do romance, do conto ou da construção de uma história de identidade, no sentido de Hobsbawm (1997, capítulo 21). Se olharmos o NFB e a ordenação dos seus capítulos, veremos que a estrutura assemelha-se à do conto: a) ao herói impõe-se uma carência ou dano, uma proibição e o afastamento de sua comunidade; b) a proibição é transgredida, e o herói nessa etapa é enganado ou humilhado por seus antagonistas; c) o herói é submetido a provação, mas algo mágico lhe é doado auxiliando-o a superar as adversidades; d) o herói consegue o triunfo sobre as adversidades; a carência ou dano inicial são reparados, e assim ele retorna à sua comunidade reconhecido pelo seu feito; e) a continuidade do conto sempre levará ao herói uma nova imposição de dano que será mais uma vez reparada ao serem cumpridas todas as etapas subsequentes. Observemos que a narrativa do NFB apresenta mais ou menos essa estrutura.⁸

No primeiro capítulo do NFB, “Raízes do saudosismo”, o dano é imposto ao negro no espaço do futebol por Mário Filho. O capítulo inicia-se com a frase lapidar: “Há quem pense que o futebol do passado é que era bom” (Rodrigues Filho, 1964: p. 3). A crítica de Mário Filho não se dirige ao sentimento daqueles que pensam o passado como áureo e o presente como pura degradação. A intenção desde a primeira linha é armar um cenário ou trama para dizer que o passado do futebol não era idílico. O futebol seria, antes de tudo, um espaço reservado às elites. Por isso ele diz que “de quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto” (*ibidem*). O saudosista não seria um reivindicador de qualidades do futebol do passado, mas apenas um crítico da popularização, um crítico ressentido de um futebol aristocrata e branco que se tornou popular e, conseqüentemente, negro. Assim, vai construindo Mário Filho a idéia de um passado inglório para explicar como uma história de glórias, via miscigenação e popularização, foi realizada no futebol.

A imagem do *saudosismo* representa separação social e preconceito no texto de Mário Filho.⁹ Representa que o futebol era inglês e que muitos membros da colônia inglesa dividiam esse espaço social com membros das elites brasileiras,

principalmente brasileiros que haviam estudado no exterior e lá aprenderam o nobre esporte bretão. Apesar de marcar a idéia de que o futebol era restrito às elites, logo não-negro, na continuidade desse capítulo o autor apresenta uma série de negros, pretos e mulatos que povoavam os clubes de elite.¹⁰

O capítulo termina com o anúncio do primeiro grande herói do futebol brasileiro, o mulato Friedenreich, filho reconhecido de alemão com mãe preta, que se tornou herói ao marcar o gol da vitória brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1919. Contudo, o feito torna-se secundário. Mário Filho diz que Friedenreich não se tornara herói simplesmente por ter marcado o gol da vitória, mas, sobretudo, por ser mulato. A raça de Friedenreich o identifica com a massa do povo brasileiro. Apoiando-se em Freyre, Mário Filho diz que o imaginário popular prefere acariciar um herói ou santo com barba e cabelo carapinha do que um louro de olhos azuis (Rodrigues Filho, 1964: p. 54). Friedenreich, segundo Mário, teria feito o povo descobrir que “o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro” (*ibidem*); sentencia o autor: “o chute de Friedenreich teria aberto o caminho para a democratização do futebol brasileiro, democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo” (*ibidem*). Observe-se que Mário Filho em tom eloqüente anuncia o início o símbolo (Friedenreich) do processo de democratização do futebol brasileiro. Esse mito fundador do processo é reproduzido pelos novos narradores com frequência em seus artigos da mesma forma que anunciam o início e difusão do futebol no Brasil pelas bolas que Charles Miller trouxe da Inglaterra.¹¹

No segundo capítulo, “O campo e a pelada”,¹² a intenção de Mário Filho é narrar a forma pela qual as camadas populares, os negros em especial, se socializaram com o futebol. A separação entre brancos e negros, ricos e pobres, ainda é uma tônica nesse capítulo; o negro ainda se encontra afastado da comunidade do futebol dos “grandes clubes” e em situação de “dano”. Mas, aos poucos, Mário vai mostrando como os negros se socializaram e ganharam visibilidade nesse espaço social, entretanto, o autor ainda lembra que eles eram alvos de preconceito. A popularização e a socialização do futebol são momentos estratégicos na narrativa. O texto descreve novos personagens e renova funções de personagens já citados, bem ao estilo dos contos. Por exemplo, Friedenreich, que no capítulo anterior tinha sido elevado à condição de herói por sua raça ou por sua cor, perde agora a cor em função da necessidade do autor de marcar as distâncias entre negros e brancos.

Mais uma prova de que o futebol era um jogo de branco. Nenhum clube com mulatos e com pretos tinha sido campeão de 1906 a 1922. A exceção fora Friedenreich na seleção brasileira. pai alemão, não queria ser mulato. Nem mesmo quando se separou o branco do preto, quando se quis ver quem jogava mais, o branco ou o preto. Formava-se um escrete de brancos, um escrete de pretos e mulatos, Friedenreich não era escalado em nenhum dos dois.

Uma homenagem que se prestava ao autor da vitória do Brasil de 19. Nem branco nem mulato, sem cor, acima dessas coisas. (Rodrigues Filho, 1964: p. 119)

“O campo e a pelada” estabelece, inicialmente, a separação entre elites e populares. As elites possuíam o *ground ou field* para o aprendizado do futebol a inglesa, e os populares possuíam a pelada ou o racha nos terrenos baldios. Mário inicia o capítulo assim: “[O] jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol. O grande clube sendo uma espécie de universidade” (Rodrigues Filho, 1964: p. 59). Mário Filho diz que o branco aprendia o futebol na academia, com professor, e o preto e o mulato aprendiam na “escola pública”, isto é, na rua, sem professor. Mas, desse aprendizado sem professor, descalço, com bola improvisada, é que nasceria a forma do negro aprender a jogar o futebol à brasileira. Diz Mário: “O branco dos *fields*, dos grandes clubes, tendo ainda por cima um professor, o capitão do time, gritando sem parar em inglês, o preto das peladas, das ruas, não tendo ninguém. A única coisa que o ajudava era a intuição...” (*idem*: p. 60). Da escassez e da intuição nasceria o estilo brasileiro de futebol, isto é, o elemento mágico de que o herói precisa para vencer as adversidades. Uma coisa comum em países subdesenvolvidos e pobres é a crença que são mais criativos em função da escassez, entretanto, esses países possuem um baixo registro de patentes se comparados com os países desenvolvidos.¹³

Mário, depois de marcar o papel marginal do negro no aprendizado do futebol, anuncia que a vantagem do futebol branco estava com seus dias contados. O Clube de Regatas Vasco da Gama forma uma equipe multirracial e miscigenada—quase todos os jogadores eram semi-analfabetos e pobres, mas “diplomados” em futebol—e sagra-se campeão em 1923. Segundo o autor, o Vasco teria aberto as portas para pretos e mulatos seguindo a boa tradição portuguesa da mistura.

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor.

Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual seria a reação dos grandes clubes. (*idem*: p. 128)

A reação dos grandes clubes à vitória vascaína, destacada pelo autor, foi à criação de uma nova liga de futebol como protesto, a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos).¹⁴ Aí estaria a prova do preconceito racial segundo a interpretação dominante. Diz Mário, já no capítulo seguinte: “[O] que acontecera em 23 precisava não se repetir mais. Era o que explicava a AMEA. Em 24 nascia a AMEA, uma liga de grandes clubes, sem o Vasco” (*idem*: p. 132). O autor, depois de deixar transparecer que a questão racial teria motivado a criação da

AMEA e a exclusão do Vasco desta liga, começa a inserir detalhes ou dados que fragilizam a interpretação racial que dá à primeira vista.¹⁵

No terceiro capítulo, “A revolta do preto”, Mário trata do contínuo processo de apropriação do futebol pelos estratos inferiores da sociedade, sem com isso deixar de relatar os avanços e retrocessos em direção à integração racial e à democratização do futebol. Os negros e mulatos revelam-se excelentes jogadores, e os clubes já não poderiam deles prescindir. Assim, a correlação de forças começava a mudar segundo as conjeturas realizadas por Mário Filho: a) o jogador passa a ser mais importante que o clube; b) a vitória do Vasco em 1923, a do São Cristóvão em 1926, representaram a resposta para aqueles que não acreditavam na mistura das raças e na competência do negro. Contudo, podemos achar no livro de Mário Filho descrições que indicam que essas equipes sofreram um processo intensivo de treinamento, idéia contrária a improvisação e naturalidade do jogador brasileiro. Todavia, a tônica do discurso é que essas vitórias significavam que o bom futebol não se joga à inglesa ou só com brancos, mas à brasileira, com pretos, brancos e mulatos, tudo bem misturado.

“A revolta do preto” assume diferentes sentidos. Descreve a insubordinação, a exploração, a doença e a luta do jogador negro. Entretanto, o fundamental nesse capítulo é o fato de indicar que o caminho para a ascensão social do negro estava aberto. Poder-se-ia dizer, em termos sociológicos, que a unidade nacional estava a caminho nesta parte do texto de Mário Filho, e que os “inimigos” estavam definhando. O herói tem sempre que passar por obstáculos e desafios para que a vitória final tenha o sentido dramático. Nos “novos narradores”, toda essa narrativa transforma-se em linguagem sociológica da resistência, sendo que essa categoria assume uma polissemia incontrolável em seus discursos.

“A ascensão social do negro”, título do último capítulo da primeira edição (1947), seria a conclusão à qual chega Mário Filho em 1947.¹⁶ O capítulo seria a resposta à trama montada: o negro excluído no início do futebol à inglesa, assistindo ao jogo da geral, se tornaria, nas décadas de 30 e 40, a expressão do futebol brasileiro. O negro que jogava “sabendo o seu lugar” passaria, nesse período, a afirmar-se frente à elite branca. Um encontro entre Friedenreich e Leônidas da Silva é descrito de forma que parece confirmar a tese de que o primeiro teria aberto o caminho para a democratização do futebol, e o segundo continuaria a saga do negro como herói: Friedenreich, herói do Sul-Americano de 1919; Leônidas da Silva, o maior ídolo do futebol dos anos 30 e 40 e o inventor da bicicleta. Ambos negros, por isso heróis de “barba e cabelo carapinha”,¹⁷ à imagem e semelhança do povo brasileiro (Rodrigues Filho, 1964: p. 54 e 375).

“Os pretos estavam por cima”, conjectura Mário Filho em função da conquista da Copa Rio Branco em 1932 (Rodrigues Filho, 1964: p. 214). O autor reforça essa idéia citando o texto que José Lins do Rego¹⁸ havia escrito para o prefácio do livro *A Copa Rio Branco*, 32, de autoria do próprio Mário Filho: “Os ra-

pazes que venceram, em Montevidéu, eram um retrato da nossa democracia racial, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira” (*ibidem*).

Boa parte do capítulo “Aascensão social do negro” é gasta narrando a mobilidade social¹⁹ e a democratização que se operou no espaço do futebol. Na edição de 1947, Mário Filho sentenciava que “em *foot-ball* não havia o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com seus mulatos e seus pretos. Um preto marca um *goal*, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O *goal* é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco” (Rodrigues Filho, 1947: p. 293).

Esse e outros tipos de afirmação sobre o poder democrático do futebol e o fim do racismo foram suprimidos na segunda edição, ainda que o autor afirme ter mantido intacto o texto no prefácio escrito para essa edição. Com a supressão dos trechos conclusivos, Mário pôde acrescentar dois novos capítulos: “A provação do preto” e “Avez do preto”. Observe-se que os títulos indicam mais uma vez novas situações de “dano” e superação pelas quais o herói deverá passar ao longo da narrativa. As supressões de segmentos de textos, que indicam a realização da democracia racial na primeira edição, poderiam ser interpretadas como uma releitura de Mário Filho sobre o racismo brasileiro. Entretanto, os cortes realizados apenas servem para acrescentar dos novos capítulos acrescentados na edição de 1964.

No capítulo “A provação do preto” desenrola-se um roteiro que procura demonstrar que o negro ainda estaria em desigualdade. Mário faz voltar a cena do preconceito racial ou “dano” imposto ao negro num outro nível. O novo texto não omite que o negro havia conquistado um lugar ao sol no futebol brasileiro, nem que os grandes clubes possuíam negros em suas equipes. Apesar disso, o nosso autor crê que a preferência pelo jogador branco não se havia extinguido, pois em igualdade de condições o negro ainda seria preterido.

Neste capítulo pode-se observar uma narrativa que apresenta o jogador negro vivendo ambigüidades e contradições no futebol. Apesar de os anos 30 terem revelado Leônidas e Domingos, e de o futebol ser o maior meio de ascensão social para o negro, o racismo não acabara — não acabara apenas na segunda edição, pois na primeira, lembremos, era página virada na história segundo o autor. O negro mais uma vez estaria em situação de provação. Assim, “Aprovação do negro” começa enunciando a derrota do Brasil em 50, mas deixa a descrição desse drama para o último capítulo.

“Avez do preto” inicia-se com a descrição da derrota de 16 de julho de 1950. Este capítulo descreve o clima de euforia havia tomado a nação após a vitória do Brasil sobre a Espanha, no jogo que ficou conhecido como “Touradas de Madrid”.²⁰ O Brasil já era o campeão desde a véspera, e faltava apenas o Uruguai. Mário Filho faz questão de dizer que o excesso de confiança não vinha dos jogado-

res. A confiança desmedida vinha do torcedor, vinha do brasileiro, segundo Mário Filho. Todos estavam ainda embevecidos pela vitória sobre a Espanha.

Mário Filho, bem ao estilo de narração de um jogo transmitido pelo rádio, vai descrevendo o fatídico “desastre de 16 de julho” como um drama que se assemelha a um velório à italiana. Descreve tensões, ações e gols que fizeram a desgraça nacional. Enfim, detalha o cenário formado antes, durante e depois do jogo. Os brasileiros esperavam que a goleada sobre a Espanha se repetisse. O Brasil saiu na frente, o Uruguai empatou e virou o jogo. Mário Filho diz que quando o árbitro deu o apito final “o Maracanã transformou-se no maior velório da face da terra. Todo mundo queria ir embora, desaparecer.. Ouviam-se gritos de viúvas sicilianas” (Rodrigues Filho, 1964: p. 335).

A derrota do Brasil teria supostamente começado quando o uruguaio Obdúlio Varela (*El Gran Capitán*) deu safanões em Bigode (jogador brasileiro bastante viril, que tinha sido orientado a não reagir às provocações) e uma bronca em seu companheiro Gigghia, que viria a se empenhar muito no jogo e marcar o gol da vitória. Por esse episódio, identificou-se como o primeiro grande culpado do time brasileiro o negro Bigode, que se teria intimidado com os safanões de Obdúlio Varela. O segundo grande culpado foi o goleiro Barbosa.²¹ O terceiro culpado, Juvenal, outro negro, foi apontado pelo técnico Flávio Costa. “Assim três pretos foram escolhidos como bodes expiatórios: Barbosa, Juvenal, Bigode.²² Os outros negros ficaram de fora: Zizinho, Bauer, e Jair da Rosa Pinto” (*ibidem*). O fato de outros negros não terem sido culpabilizados torna pelo menos ambígua a idéia do *recrudescimento do racismo* cunhada por Mário Filho. Mais ainda, a pesquisa nos jornais da época não registra nenhuma referência à culpa pelo fato de os três serem negros. Porém, a narrativa de Mário prossegue tentando demonstrar que a derrota de “16 de julho” fizera reacender o debate e os preconceitos em torno da inferioridade racial dos negros.

O recrudescimento do racismo, segundo a análise que estou aqui realizando, parece apenas representar uma estratégia para Mário Filho anunciar dano, perseguição, injustiça, separação e, por fim, anunciar a vitória dos injustiçados e o retorno da unidade nacional; o retorno do Brasil multirracial e miscigenado.

Os novos problemas enfrentados pelo negro na derrota de 50 só seriam superados definitivamente com a vitória na Copa de 58. O mulato, Garrincha, e o preto, Pelé, saíam heróis nacionais nas Copas de 58 e 62. Mas é com a figura de Pelé que, definitivamente, Mário Filho vai demonstrar que o negro poderia ser negro e ter orgulho de sua raça. A narrativa indicaria Pelé com mais atributos de nobreza que os heróis anteriores. Friedenreich e Leônidas da Silva, também negros, se diferenciariam de Pelé por não terem o mesmo orgulho da cor ou da raça. De certa forma, vários negros haviam passado pelo futebol brasileiro, e quando ascendiam socialmente eram embranquecidos. A ideologia do branqueamento indica que a mobilidade social corresponde a “mobilidade racial”. Entretanto, Pe-

lé, na narrativa, teria ascendido socialmente sem requerer o embranquecimento. Mário Filho para afirmar Pelé como o grande ídolo o compara com Garrincha, demonstrando que o primeiro poderia ser o “rei do futebol” por ter tido uma estrutura familiar segura, enquanto Garrincha tinha uma história familiar desestruturada. Observe-se aqui que o ideal de família de Mário Filho é aquele que se assemelha ao modelo nuclear da família burguesa.

Observemos a seguir, como a tradição iniciada, por Mário Filho e sua geração, vai sendo atualizada e transformada pelos “novos narradores” nos momentos narrativos de *segregação*, *de luta e resistência* e de *democratização e afirmação do negro* no futebol.

Os “novos narradores” e a atualização da tradição. A segregação

O primeiro núcleo narrativo fala de *segregação* e reitera a idéia de que só as elites brancas ou aristocráticas tinham acesso ao futebol. Assim, o futebol, em seu início ou fundação no Brasil, seria elitista e racista, na medida em que os pobres, e especialmente os negros eram dele excluídos. Os “novos narradores” outorgam maior peso à exclusão dos negros que à dos pobres brancos. A história contada reitera o tom do dano que os negros sofreram com a introdução do futebol. O fato de o futebol, introduzido pelas e para as elites, ser encarado como segregação pode, por analogia, indicar que outras apropriações culturais (como a moda francesa, a literatura ou o hábito do *five o'clock*) eram também segregadoras. Observe-se que o conceito de segregação se confunde com o de distinção social no interior das novas narrativas.²³

Mário Filho, por sua vez, não usa a palavra segregação; ele trabalha com a idéia de barreiras raciais e de classes a partir das oposições futebol branco versus preto, time grande versus pequeno, times da cidade versus do subúrbio. Essas imagens aparecem como sinônimos de distinção social, divisão social, preconceito de classe ou raça. Os “novos narradores” “desambigüizam” sua fonte e enfatizam a idéia de exclusão, proibição e segregação. Utilizam estas palavras-conceito como se fossem sinônimas. A situação de dano, imposta ao negro por Mário Filho, transforma-se, nas novas narrativas, em linguagem de segregação. Nessa linha de construção, Murad (1994a: p. 72) afirma que,

o requintado esporte de elite, em seu momento inicial, o “violento esporte bretão”, como passou a ser conhecido, assumiu irrecusável posição de classe e produziu já na sua origem sua primeira forma de violência social e racial, bem como as primeiras vítimas, quando chegou ao *extremo de ser proibido a negros e pobres*, já fortemente discriminados e estigmatizados numa formação social dominada pelo colonialismo e pelo escravismo, enquanto constantes estruturais. (grifo nosso)

Gordon Jr. (1995: p. 80), nesse caminho afirma:

Note-se que essa *ausência de jogadores negros não era casual*: havia mesmo, até 1918, *uma imposição formal* da Federação Brasileira de Sports (à época, órgão regulamentador em nível nacional) *contra a participação dos negros* nas equipes esportivas. Foi somente em 18, cedendo às pressões de setores da imprensa, que a Federação autorizou formalmente os clubes e entidades regionais a aceitarem inscrições de negros. (grifo nosso)

As afirmações são feitas categoricamente sem que se apresentem documentos ou sem que as fontes utilizadas sejam tratadas criticamente e com rigor; os regulamentos ou leis segregadoras não são citados.²⁴ Gordon Jr., por exemplo, fundamenta sua afirmação baseada exclusivamente no Caderno Especial 100 *Anos de Futebol*, publicado pela *Folha de S. Paulo* em 16 de janeiro de 1994. Gordon Jr. não se questiona e não averigua a natureza dos dados utilizados para afirmar que existia uma imposição formal proibindo a participação de negros. Embora o autor pareça cruzar seu texto, empiricamente fundado no NFB, com outros estudos sobre as relações raciais, não acha suspeito afirmar que existia uma “imposição formal” aos negros após a Abolição. Um dos problemas que sempre tornou difícil a discussão do racismo brasileiro em comparação com o norte-americano, após a Abolição, é o fato de o Brasil não possuir estrutura legal de segregação enquanto os Estados Unidos possuíam leis segregacionistas até a década de 50.²⁵ Se existem provas de “imposições formais”, portanto escritas e documentadas, acredito que Gordon Jr. devesse dá-las a público. Isso faria rever, em certa medida, boa parte da historiografia e da sociologia sobre as relações raciais no Brasil. Mas, provavelmente, Gordon Jr. não possui fontes seguras para sua afirmação. Por outro lado, se Gordon Jr. estivesse atento ao seu inspirador —já que ele acredita ser o NFB a maior fonte historiográfica do futebol—, teria visto que Mário Filho afirma que,

[os] documentos oficiais me mostraram que a história verdadeira se escreve de outro jeito. Quem manuseasse, como duas vezes, de 6 a 23, os livros da AMEA, de 24 a 32, colocados à minha disposição pelo presidente da Confederação Brasileira de Desportos, Rivadávia Corrêa Meyer, além dos relatórios da própria Confederação, não descobriria, em parte alguma, nada da luta do negro, se não entrasse na intimidade dos fatos. As atas, a correspondência dos clubes, não falam de negros. As leis não tocam nem de leve na questão da raça. Limitam-se a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praças de pré e por aí afora, jogassem futebol em clubes filiados. (Rodrigues Filho, 1964, Nota ao Leitor)

Os “novos narradores”, com intenção de escrever uma história de identidade, enfatizam o conceito de segregação sem apoio empírico, sem fontes seguras e sem fineza analítica e, sobretudo, sem distinguir, como Freyre insistia, preconceito de segregação, para, subsequente, inventar uma linguagem de luta e de

resistência. Contudo, acabam reproduzindo a figura do dano presente no capítulo “Raízes do saudosismo” do NFB. Há que se destacar que essa idéia do dano aparece de forma mais complexa e ambígua no NFB.²⁶

Luta e resistência

O segundo momento elabora-se em torno da fase heróica: conta o processo de *luta e resistência* dos segregados para se apropriar desse bem cultural. As narrativas partem do entusiasmo quase instantâneo e crescente que teriam tido os populares pelo esporte, que, contra a profecia de Graciliano Ramos, tornou-se um fogo de palha insólito, por duradouro (cf. Soares e Lovisolo, 1997). Teria sido nas fábricas têxteis, nos campos de várzea ou nos terrenos baldios que a parte negra da sociedade brasileira teria tido acesso ao futebol. A fábrica significava acesso ao trabalho formal e ao futebol, segundo as interpretações até hoje formuladas. No caso do Rio de Janeiro, a descrição de Mário Filho, se mantém nos “novos narradores”, a saber: os técnicos ingleses (operários qualificados), vindos diretamente da Inglaterra para trabalhar na Cia. Progresso Industrial (firma formada com capital português), organizaram-se rapidamente para formar o *Bangu Football Club*. Mas, em função do número insuficiente de ingleses para formar duas equipes, foram obrigados a contar com a participação dos operários brasileiros. Assim, os negros e pobres teriam tido acesso ao futebol na fábrica. Observe-se que os “novos narradores” não analisam que a razão utilitária, nesse caso, parece ceder aos supostos impulsos racistas que animaram a introdução do esporte no país. A necessidade é posta como porta de entrada para explicar o processo de apropriação do futebol pelos operários negros, mestiços e brancos pobres. Estes, pertencentes à parte inferior da sociedade, teriam sido misturados aos “legítimos” brancos, os ingleses, para aprender e praticar as artes do esporte bretão. Mas poder-se-ia perguntar: aprender o quê já que os elementos básicos do esporte estavam no corpo do brasileiro (ginga, dança e capoeira)?

Pelo tom das narrativas as respostas assumem contornos contraditórios e quase mitológicos. Os operários teriam aprendido com os ingleses o já sabido, pois, segundo as narrativas, o futebol já estaria no “sangue” afro-brasileiro, estaria no sangue do corpo oprimido pela chibata, mas liberto nas rodas de samba e de capoeira. Desenvolver habilidades com o corpo teria sido para o negro o requisito básico para sua sobrevivência no passado escravo e, já no mundo da liberdade formal, ele teria encontrado no futebol uma arena naturalmente adequada para sua expressão e resistência à opressão (cf. Murad, 1994a: p. 183-190).²⁷ Nesse tipo de construção está suposto que os negros, se possuíam uma habilidade natural ou historicamente condicionada, apenas aprenderam o formato do jogo: os objetivos, as regras e as táticas do esporte. Observe-se que o argumento que soa como politicamente correto poderia conter as sementes de um certo “racismo inver-

tido” que se manifestou, tradicionalmente, no elogio da sensibilidade do negro para a música e de sua força, resistência e habilidade corporal. O negro seria “naturalmente” bom para o trabalho pesado e para a expressão estética na dança, na luta da capoeira e na música. A capacidade intelectual ou de razão e de condução ficava, por certo, fora do elogio. O argumento a favor do negro no futebol poderia tornar o preconceito tradicional virtude esportiva.

Assim, os “excluídos” teriam inventado, mediante a improvisação baseada numa densa experiência corporal, uma nova e sedutora forma de jogar o rígido esporte bretão; um estilo original cheio de floreios, de dança, de ginga e de malícia, às margens do aristocrático, disciplinado e coletivo jogo inglês. Esse tipo de construção, reproduzida pelos “novos narradores”, foi pioneiramente elaborada por Gilberto Freyre num artigo jornalístico intitulado “*Foot-Ball mulato*”.²⁸ A boa participação do Brasil na Copa da França de 1938 é vista como um elogio à mistura de raças na equipe para Gilberto Freyre:

Um repórter me perguntou anteontem, o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux”.

Respondi ao repórter (...) que uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia à coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, *pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros*. (...)

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitu`s, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, *que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente*, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo o malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil” (Freyre, 1938: s/p; grifo nosso).

Pode-se notar que a opinião de Freyre, expressa acima, nos serve como uma das muitas evidências que existem para demonstrar como foi construída uma história da identidade brasileira via futebol. No entanto, não se pode tomar tal opinião como um argumento que legitime ou explique o sucesso do futebol brasileiro via integração racial, miscigenação ou embate racial no futebol. De fato, a identidade é construída ou inventada socialmente. Apesar de parte dos estudos sobre o futebol brasileiro aceitarem essa premissa, suas narrativas acabam naturalizando, tornando essencial e legitimando tal construção social através de uma história que se explica pelos atributos raciais do negro e da miscigenação.

É verdade que o “estilo brasileiro”, do qual são os jogadores negros ou mestiços os principais artesãos, afirma-se na medida mesma em que ele pode melhor aparecer e caracterizar-se através da criação de jogadas, estas micro-reinvenções do jogo, que se tornam associadas à individualidade de determinados jogadores. Tal é o caso da invenção acrobática da “bicicleta” por parte de Leônidas. (Leite Lopes, 1994: p. 75)

Leite Lopes, ao longo do artigo, como na citação anterior, não se reocupa em distinguir as demandas de construção de identidade no jornalismo esportivo das ficções e das evidências que toma do NFB. A citação acima indica que Leite Lopes toma como verdade e valor a idéia de que o negro realizou micro-reinvenções no jogo, e uma das evidências que toma é a “bicicleta” inventada por Leônidas. É interessante notar que essa jogada é denominada “chilena” nos países de língua espanhola da América Latina. Galeano (1995: p. 57) afirma que foi inventada pelo chileno Ramón Unzaga, e que David Unzaga a exibiu nos estádios da Espanha quando o Colo-Colo viajou à Europa. Não importa tanto qual é a verdade sobre a bicicleta ou chilena, mas é necessário reconhecer como são inventadas as tradições pela repetição e reiteração de quase-histórias, no sentido de Watt. Ainda que os “novos narradores” entendam que a originalidade do brasileiro e de seu futebol é construída ou inventada, ao nutrirem-se do NFB, acabam por naturalizar e reforçar essas tradições. Ausência de um olhar comparativo reforça o a atenção sobre a própria tradição tornando bem mais difícil uma atitude de distanciamento.

As histórias ou quase-histórias que subsidiam a invenção de tradições sempre apresentam entre os ingredientes um momento fundador. Assim, o estilo brasileiro de futebol também possui um fundador ou um herói que encarna essa fundação. O mulato Friedenreich volta à cena para continuar sendo o herói que encarna a fundação. A tradição de Mário Filho vai sendo constantemente atualizada. Observem-se as palavras de Joel Rufino dos Santos:

O cuidado que os primeiros clubes tiveram ao recrutar estes elementos tapa-buracos é curioso: não podia ser preto, naturalmente; nem procurado pela polícia. Mulatos serviam, desde que fossem excepcionais com a bola no pé (e, como o célebre Carlos Alberto, pudessem embranquecer com pó de arroz). Ali! Uma coisa importante: tinham que jogar à européia, repetindo os movimentos e jogadas ensinadas pelos folhetos ingleses que se vendiam junto com o material de jogo.

Foi aí que apareceu Friedenreich. “Incrível o que se viu naquela tarde de ontem, meus amigos! El tigre, El namorado de la América, com gingas espetaculares, driblou oito inimigos da Pátria. Embaixo dos paus, não quis fazer o goal, voltando até o meio do campo. Os inimigos arrancaram-lhe, de puro ódio, 12 dentes da boca...”;

(...) Ele foi o fundador da Escola Brasileira de Futebol: o drible desconcertante, a firula diabólica, a doce matada no peito, o passe que deixa o compan-

heiro cara a cara com o goleiro inimigo. Friedenreich rasgou os manuais ingleses que ensinavam a jogar futebol. (Santos, 1981: p. 18-9)

Numa linguagem mais antropológica, mas com pouco rigor e crítica do uso do NFB, Gordon Jr. também apresenta o início da democratização e fundação do futebol brasileiro:

No futebol, como no resto da sociedade, toda essa ideologia da amoralidade negra e mestiça (legitimada pelo “saber científico”) se fazia sentir de forma muito clara. Quando era preciso justificar as derrotas e invectivar os adversários, os argumentos recaíam sobre negros e mulatos: “fracos emocional e intelectualmente”, “imprestáveis”, como dizia o doutor Nina Rodrigues.

Ao lado dessa ideologia, no entanto, novos fatores agiam na direção inversa: contra a segregação, dando início a uma maior aceitação dos jogadores negros. O jogador mulato, que por um lado era objeto da carga preconceituosa, servindo de veículo para a manutenção de estereótipos, por outro, teve um papel central na democratização. E particularmente a figura de um mulato foi fundamental para dar início a esse movimento na direção oposta ao segregacionismo no futebol - Arthur Friedenreich.²⁹

Com esse nome nada brasileiro, o mulato Friedenreich (filho de um alemão com uma negra) se tornaria o maior ídolo do futebol brasileiro da época, marcando o gol da vitória da seleção no Campeonato Sul-Americano de 1919. Não tanto por ter feito esse gol tão importante, mas pelo fato de ser mulato (...) Através dele, uma grande parcela dos torcedores, e do povo em geral, começou a perceber que o futebol não precisava ser de uma só cor, nem só da elite. Podemos imaginar que a importância de Friedenreich se deve ao fato de que ele marca talvez o ponto-chave na identificação do futebol com o ethos nacional. (Gordon Jr., 1995: p. 85)

Gordon Jr. ataca em seu artigo a ideologia da democracia racial, a “fábula das três raças”, mas, ao referir-se ao herói fundador do futebol brasileiro, reedita as crenças que animaram a formação dessa ideologia. O Friedenreich de Mário Filho e dessa tradição, na qual se insere Gordon Jr., se teria tornado herói por ser mulato e não propriamente por seu feito; ou por marcar o *ponto-chave na identificação do futebol com o ethos nacional*. A imagem do mulato como redutor de antagonismos, como imagem do Brasil e dos brasileiros, é reeditada por Gordon Jr.³⁰ Ao reeditar o mito fundacionista do estilo brasileiro de futebol, Gordon Jr. e Joel Rufino dos Santos reeditam a idéia freyreana dos *mulatos ainda mais brasileiros*, mais brasileiros porque fruto da mistura, da miscigenação e, em certa medida, pela afirmação da “fábula das três raças”.

Nessa trilha a tradição vai sendo atualizada, recebendo novos contornos e acréscimos no processo de afirmação da identidade nacional. Observe-se a seguir a versão de Murad sobre o nascimento do estilo brasileiro do futebol:

Toda essa história antropológica de utilização do corpo foi condensada no futebol brasileiro. Quando começaram a jogar o futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar, ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo, eram expulsos de campo. Esta redução dos espaços dentro das “quatro linhas”, subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais habilidade, evitando o contato físico e reinventando os espaços. Sim, porque o drible não é outra coisa que a criação de espaço, onde o espaço não existe. Indubitavelmente, *foi o jogador negro que imprimiu no futebol brasileiro um estilo próprio de magia e arte, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, bem como de sua descendência inglesa imediata*. Fausto, Leônidas, Domingos, Waldemar, Petronilho desenharam este instante inaugural, cujo destaque pictórico é a bicicleta. Entretanto, *o negro não exigiu o título de propriedade, nem requereu certificado de direito autoral deste futebol-arte*. O negro foi socializado, e inúmeros e geniais jogadores brancos foram fundamentais para sua ampliação, divulgação e consolidação. (Murad, 1994a: p. 188; grifo nosso)

Murad nesse segmento nos fala de perseguição e desigualdade de tratamento aos negros no espaço do jogo. Da desigualdade imposta nasceria criativamente o estilo brasileiro de futebol. Os negros inventaram o drible e a ginga de corpo por serem “obrigados” a evitar o enfrentamento e o contato corporal com os brancos; inventaram um estilo de magia e arte tipicamente nacional. As narrativas desse tipo pretendem encontrar formas de resistência do negro ao espaço no futebol, mas acabam por reforçar a idéia de uma integração quase harmônica ou submissa do negro no futebol. O negro foi criativo porque aceitou o “jogo do branco”. O texto deseja ser politicamente correto ao inventar uma história de resistência, mas informa que o negro, mesmo igualado a qualquer jogador pelas regras, devia desviar-se, evitar o confronto e submeter-se. Assim, ao invés de lutar contra a injustiça, inventa um jeitinho, uma saída malandra se lermos a fundo as palavras de Murad. O estilo brasileiro poderia, então, ser pensado como produto da submissão e da falta de capacidade de enfrentamento e mobilização dos negros no Brasil? Tais construções, sem dados empíricos, funcionam mais como mitemas que explicam a face heróica da história do futebol brasileiro, mas também podem demonstrar as fragilidades do herói. É questionável que esse tipo de reconstrução imaginária realize algum bem para a causa da igualdade no Brasil, e talvez, no fundo, seja uma apropriação invertida dos preconceitos sobre a “mulatice”.

Tais histórias possuem como pano de fundo supostos conflitos entre elites e populares, brancos e negros, amadorismo e profissionalismo, times de subúrbio e times da cidade, num amálgama no qual é preciso distinguir, classificar e ordenar importâncias de questões e oposições. No entanto, domina, nas novas narrativas sobre o futebol brasileiro, o eixo constituído pelas tensões raciais, e seria o racismo que explicaria e organizaria o conjunto das oposições.

O racismo seria para o Brasil dos “novos narradores” como o parentesco para a sociedade primitiva. Podemos pensar se isso não é produto do peso da formação antropológica entre os novos narradores; contudo, não se distingue, como também manda a tradição antropológica, onde é possível fazê-lo.

As novas narrativas parecem formar uma “gangorra discursiva”: a idéia de segregação alterna-se com a de apropriação cultural sem que se expliquem e se apresentem os mecanismos e as provas empíricas de como se deu esse processo. O estilo de futebol brasileiro teria sido construído não só pelas “habilidades corporais do negro”, mas também em função do racismo dominante na sociedade brasileira que se refletia no espaço do futebol. De fato, a construção é mágica.

Mas os resultados dos primeiros campeonatos de futebol acabariam por ratificar toda essa série de estereótipos e preconceitos contra os negros e mulatos. Até 1923, todos os clubes campeões, no Rio de Janeiro, contavam somente com brancos... A derrota dos times “sem família” servia para demonstrar, no discurso popular, a superioridade do branco.

Obviamente, à distância nos faz perceber que isso se devia antes às boas condições de vida e à melhor infra-estrutura desses times do que a qualquer característica de cor e raça... Eram os “clubes de branco” os campeões em cima dos “clubes de preto”. Os ideólogos da inferioridade negra tomavam o esporte, e então o futebol, como mais uma prova irrefutável de que nas raças humanas os brancos ocupavam a posição mais alta. (Gordon Jr., 1995: pp. 80-1)

O texto de Gordon Jr. é quase uma reprodução literal dos termos e idéias de Mário Filho. Os ideólogos raciais utilizavam-se da vitória dos clubes de “branco” sobre os de “preto” para reforçar o preconceito e os estereótipos raciais. Poder-se-ia perguntar se Gordon levantou documentos que relacionam diretamente as ideologias racistas e seus ideólogos com o futebol. Sem provas, a suposta conspiração do passado apenas parece servir às construções de identidade étnica, numa versão do politicamente correto que se projeta no presente. É necessário destacar que não se está afirmando que não existia ou não existe preconceito racial na sociedade brasileira e no futebol. Seria absurdo pensar que não há preconceito racial numa sociedade que pouco tempo atrás mantinha a instituição da escravidão. Não é isso o que se discute. O que está em discussão é uma construção imaginária que se apóia nessa “verdade de bom senso” para realizar a invenção da tradição do futebol sem distinguir e sem apresentar dados empíricos que justifiquem essas genéricas afirmações.

Os exemplos são constantemente repetidos da fonte original: o NFB. A insólita e repetida “história” do jogador do Fluminense Football Club que passou pó-de-arroz no rosto para dissimular seus traços negros no ano de 1914,³¹ o preconceito racial de nove jogadores-sócios que se desligaram do América quando Man-

teiga,³² excelente ponta direita, integrou essa equipe, a exploração de jogadores negros que, como Fausto,³³ morreram na miséria e doentes no sistema do amadorismo marrom (semiprofissionalismo), são mitemas constantemente acionados para corroborar a “história oficial” do futebol e, por extensão, enfatizar o racismo na sociedade brasileira. Se esses exemplos representam o momento baixo da “gangorra”, outros servem para inverter a posição do brinquedo. O Clube de Regatas Vasco da Gama, que representava a colônia portuguesa, com um time formado por pretos, mulatos e brancos pobres e semi-analfabetos, foi campeão em 1923, mostrando à elite branca a força daqueles que eram considerados os “parias” da sociedade. Mas a vitória mestiça teria recebido de pronto a retaliação “branca”: os times de elite desligaram-se da Liga Metropolitana dos Desportos Terrestres (METRO), fundando a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA).³⁴ A mesma façanha do Vasco seria conseguida também pelo São Cristóvão em 1926 e pelo Bangu em 1933, todos seguindo a boa fórmula da mistura. As narrativas enfatizam que os negros teriam dado provas da força do estilo criado nas “peladas”, nos campos de várzea e nos terrenos baldios. De fato, a insistência na repetição parece indicar que se trata de uma “história exemplar”, de uma pedagogia ou de uma campanha de ideologização, ao invés de pesquisa e reflexão sobre a história.

Essas quase-histórias do Pó-de-arroz, do Manteiga e da perseguição ao Vasco são melhor explicadas pela tensão ocorrida nesse período entre o *ethos* amador, a popularização do futebol e as demandas de profissionalização. Observe-se que qualquer negro que aparecesse para jogar em time da primeira divisão, sem nome familiar de prestígio, tinha sua condição de amador colocada sob suspeita. Não se pode esquecer que naquela sociedade a maioria da população negra ocupava as posições inferiores como empregos subalternos, na maioria dos casos. A lógica de “quanto melhor condição social e econômica, maior a probabilidade de o jogador ser amador” governava o esporte. Assim, é provável que a desconfiança fosse maior em relação aos negros sem sobrenome de prestígio. No caso de um Joaquim Prado, membro de tradicional família paulista, negro e jogador do requintado Paulistano, não pairaria dúvida sobre sua condição de amador. Esse argumento pretende chamar a atenção para as confusões que se estabelecem entre distinção social e racismo. O preconceito racial provavelmente existia, mas se confundia ou desaparecia com a idéia de distinção social. Tal como no caso dos negros que por pertencerem às elites eram embranquecidos (cf. Soares, 1998-b).

O estilo negado e construído à margem do “futebol branco” não tardaria a emergir como símbolo do Brasil e dos brasileiros. Reconhecido, cantado e elogiado por jornalistas e cientistas sociais, passou o futebol a fazer parte da definição da identidade brasileira. Os caminhos foram rapidamente percorridos. Com a ampliação da prática do futebol nos centros urbanos sua popularização tornou-se inevitável, embora esse processo tivesse ocorrido pela mão de alguns acasos animados por “tensões raciais e de classe”.

Democratização e afirmação do negro

A democratização do futebol descreve o início das conquistas sobre o racismo, o negro triunfa. Seu estilo torna-se nacional e é reconhecido internamente e externamente. A força desse estilo teria começado a dar provas do que seria seu futuro pelos pés de Friedenreich no Campeonato Sul-Americano de 1919. Esse mulato teria sido o primeiro ídolo do futebol brasileiro. Friedenreich é uma metonímia da miscigenação bem-sucedida (filho de alemão e de negra). Depois, como já visto, o Vasco com seu time mestiço revoluciona o futebol em 23, seguido de outros clubes que adotaram a fórmula da mistura de raças e classes. Assim, a democratização e afirmação do negro no futebol tornam-se história escolar ou pedagógica.

O futebol se teria tornado, por volta de 1950, um meio de mobilidade social e econômica para aqueles que pertenciam à “metade inferior” da sociedade. Os negros teriam ganhado posições de destaque no futebol brasileiro. Apesar disso a perseguição ao negro não havia terminado. O racismo teria sido reativado com a derrota do Brasil para o Uruguai na decisão da Copa de 1950, como já visto. A derrota tornou-se motivo para que se apontasse a fragilidade emocional dos negros e de nossa “raça mestiça”. Diz Gordon Jr., reproduzindo Mário Filho, que:

O país cobriu-se de luto e vergonha, o povo tinha sido humilhado. Era preciso reconhecer os culpados. E como era de se esperar, os culpados foram reconhecidos nos negros. Não só em três negros do time, diretamente acusados pela derrota —Barbosa, Bigode e Juvenal— mas também na gota de sangue negro que havia constituído a própria civilização brasileira. A derrota para os uruguaios trouxe à tona toda a carga racista enraizada em nossa sociedade. As acusações, repletas de rancor racista, vinham de todos os lados. “Bigode se intimidara frente a Obdúlio Varela, apanhara, era um covarde”. “Aculpa é de Barbosa”. Por outro lado, o técnico Flávio Costa responsabilizava Juvenal, lembrando de seus defeitos: “cachaceiro” (Gordon Jr., 1995: p. 71).

Gordon Jr., ao reproduzir esse tipo de descrição apenas atualiza o mito. Observe-se que as acusações que descreve jamais poderiam ser encaradas como “repletas de rancor” racista. Bigode se intimidara por ter levado uns safanões de Obdúlio Varela (cena ou fato que Guedes diz não aparecer em nenhum dos periódicos que consultou em 1950 e diz que achou também em Mário Filho); Barbosa fora condenado por levar dois gols e Juvenal fora acusado de “cachaceiro” (com o sentido de irresponsável). Essas supostas injúrias poderiam ser consideradas racistas?

O racismo em 50 foi construído por Mário Filho para colocar o herói em nova situação de dano. A partir do levantamento de suas crônicas jornalísticas nos dias e nos anos que se seguiram à fatídica derrota, verifiquei que não aparecem nos jornais acusações, expressões e denúncias de sentimentos racistas.³⁵ O que se acha nos jornais são expressões como “falta raça e falta fibra”. Não se pode im-

putar racismo sem que se pesquise que significados ou representações sociais são atribuídas a esses termos na linguagem específica do esporte, no Brasil e no exterior, e no contexto histórico onde circularam tais expressões. É necessário destacar que a idéia de recrudescimento do racismo não aparece nas crônicas de Mário Filho nos anos 50; tal idéia só aparecerá na edição do NFB em 1964.³⁶ Como o próprio Mário Filho escreve em uma de suas crônicas, intitulada “Alição da derrota no melhor momento do *football* brasileiro”:

(...) Culpava Bigode, culpava Barbosa, culpava o scratch que não vencera o match que não podia perder. E o que mais me revoltava era o fato de ter o scratch brasileiro perdido para um adversário que normalmente tinha de ser batido.

Diante da indiscutível superioridade do scratch brasileiro o torcedor não encontrava outra explicação a não ser a falta de fibra. O torcedor brasileiro não podia acusar os jogadores do scratch brasileiro de desinteresse.

Eu também participei dessa opinião quando enfrentei a derrota. Foi preciso que deixasse passar horas, revendo o match, e o match todo começou na manhã seguinte à grande vitória contra a Espanha (...)

Para vencer o Uruguai, foi isto que o match da decisão mostrou, bastaria que Bigode não falhasse duas vezes. Bastaria inclusive, que Bigode só falhasse num dos goals ou que Barbosa, mesmo Bigode falhando, não falhasse num dos goals.

Bigode e Barbosa não falharam por falta de fibra. Falharam porque sentiram demasiadamente a carga da responsabilidade de dar ao Brasil o título de campeão do mundo. (*Jornal dos Sports*, 22/07/1950: p. 5).

Chama a atenção é o fato dos “novos narradores” não questionarem os dados e interpretações que consomem para construir sua “pedagogia” anti-racista. Não se perguntam por que apenas três negros foram escolhidos como bodes expiatórios, já que a seleção tinha outros que não foram acusados pela derrota. Como já foi visto, Barbosa, Bigode e Juvenal foram eleitos culpados, mas sobre Bauer, Jair da Rosa Pinto e Zizinho, todos com ascendência e traços de negro, não recaiu culpa alguma (Rodrigues Filho, 1964: p. 335). O óbvio é que os “bodes expiatórios” eram os jogadores da defesa brasileira que participaram direta ou indiretamente dos lances dos gols uruguayos. Uma explicação mais sublunar e menos conspiratória seria pensar que, em futebol, a defesa e o goleiro aparecem facilmente como culpados e vilões das derrotas. Mas, os “novos narradores” insistem, apoiados no livro de Mário Filho e nas quase-histórias sobre esse esporte, em utilizar o futebol como meio de política anti-racista. Ser anti-racista ou lutar contra o racismo é uma boa causa aqui e em outras latitudes, e é sem dúvida uma atitude louvável. O que não parece louvável é a atitude pouco distanciada que adotam para escrever uma história ou sociologia do futebol brasileiro que acaba, em função disso, convertendo-se em pura pedagogia anti-racista (cf. Soares, 1998-a).

As novas narrativas, incorporando a tradição, apontam que conspirações racistas sempre rondaram a formação dos selecionados brasileiros; essa idéia transforma-se em constante da história do futebol brasileiro. O racismo estaria na desconfiança de que pretos e mulatos não teriam o necessário equilíbrio psicológico em momentos decisivos. Contudo, o sentimento racista seria mais uma vez superado em 1958, apesar de o racismo também ter rondado a formação desse selecionado (Cf. Gordon Jr., 1996).³⁷ A façanha voltaria a ser realizada na Copa de 62. Apesar do racismo, o estilo dançado, gingado e improvisado do futebol brasileiro seria revelado ao mundo através do preto Pelé e do mulato Garrincha. O herói superou assim as provas na sua caminhada para o reconhecimento.

As novas narrativas não param em 62. Elas continuam a tradição de Mário Filho e de certa forma a estrutura do NFB é reproduzida. Maurício Murad propõe uma periodização para estudar o futebol brasileiro como uma forma privilegiada de entender a nossa sociedade. A periodização proposta, visivelmente inspirada nas descrições do NFB, enfrenta os problemas que não foram enfrentados por seu inspirador. Mário Filho não propõe nenhuma periodização explícita. Os recortes históricos propostos em ordenação cronológica geram problemas e mais problemas de coerência e consistência conceitual. Por exemplo, Mário Filho nunca afirmou categoricamente que os negros foram proibidos de jogar. Pode-se achar em seu texto a existência de preconceito, de preferência pelos brancos em relação aos negros, ou que o futebol inicialmente era restrito às elites. Isso não quer dizer, *pri - ma facie*, que restrição signifique segregação estrita. Por exemplo, a maior parte da população brasileira não joga golfe e nem por isso se sente segregada ou é segregada desse esporte. O NFB também não fixa cortes temporais tão precisos e então pode voltar, e mesmo se desdizer, sem aparentemente desdizer-se. Já a periodização proposta por Murad cai nesta armadilha:

1894/1923 - pré-história - elitização e proibição dos negros e pobres;
1923/1933 - clandestinidade - fase inicial do ingresso de negros e pobres;
1933/1950 - revolução - democratização e popularização do futebol;
1950/1970 - consolidação - auge do futebol brasileiro e conquista do tricampeonato, o 1o. na história mundial; 1970/1990 (Copa da Itália, última conjuntura estudada) - declínio - retrocesso e “rebranqueamento”, pela subtração de oportunidade a negros e pobres. (Murad, 1994b: p. 72)

Murad tenta criar uma nova situação de dano ao herói negro, afirmando que o insucesso na Copa de 1990 foi devido ao rebranqueamento da equipe. Sem nenhum argumento comparativo, afirma que houve rebranqueamento da seleção brasileira. É necessário observar que o referido texto foi escrito antes da Copa de 1994 e, pela lógica, poder-se-ia afirmar que o sucesso alcançado deveu-se à inclusão de negros. Observe-se que o referido autor acaba, mesmo que sem consciência, com este tipo de causalidade espúria quando propõe esse tipo de periodização.

Gordon Jr., na mesma direção, atualiza Mário Filho e propõe isolar:

(...) 3 momentos (obedecendo, de certa forma, à própria estrutura de Mário Filho) que podem ser distinguidos ao longo da história do negro no futebol e de sua ascensão na sociedade nacional. 1 - A democratização do futebol brasileiro, no período que vai até a metade do século, no qual vemos lentamente a aceitação do negro e do mulato dentro do esporte; 2 - A Copa de 50: a tragédia da derrota reacendendo a discussão sobre as deficiências da raça brasileira, as acusações contra os negros e contra nossa própria “civilização mestiça”; 3 - O tricampeonato mundial em 1970: a “revanche do preto”, centralizada na figura de Pelé. (Gordon Jr., 1995: p. 76)

Quanto ao terceiro momento, Gordon Jr. esclarece em nota que, “[na] realidade, a segunda edição (ampliada em forma definitiva) do livro de Mário Filho não vai até a conquista do Tri, finalizando com a Copa do Mundo de 1962. Incluí propositalmente a Copa de 70 porque acho que ela é o coroamento do processo descrito por Mário como a revanche do preto” (Gordon Jr. 1995: 76).

À vontade de Gordon Jr. de escrever o último capítulo da obra de Mário Filho é explícita, e prova suficiente de como os “novos narradores” foram tragados pela potente narrativa.

Considerações finais

O futebol que nasceu nos campos de várzea, na “metade inferior” da sociedade brasileira, num país pobre e mestiço, afirmar-se-ia e continua a afirmar-se diante das grandes potências, seguindo a boa tradição de Mário Filho, quando incluí em seus quadros a sabedoria da mistura racial. Os “novos narradores” são a complementaridade que faltava à tradição iniciada por Mário Filho, isto é, a legitimação acadêmica ou científica das suas histórias de identidade ou de uma pedagogia do anti-racismo que usa como recurso o futebol.

A pedagogia anti-racista e o ataque à idealizada democracia racial brasileira acabam sendo englobados ou engolfados pela força da narrativa de Mário Filho sobre a trajetória do herói negro no futebol. Contudo, o futebol não parece ser o local mais propício para observar o preconceito, a discriminação e a segregação que desejam apresentar os “novos narradores”, na medida em que eles próprios afirmam ter sido esse esporte um meio privilegiado de mobilidade social; e não somente no Brasil. Ao mesmo tempo, por também desejarem anunciar o futebol como elemento central da identidade brasileira, acabam apontando a raça, a miscigenação e o racismo como “causas” da construção desse sedutor estilo de futebol que encanta a eles próprios e ao mundo.

Enfatizando o já dito, e lembrando o alerta de Antonio Candido, o romance de tipo realista pode fornecer o clima ou uma certa visão da sociedade traduzida em termos de arte. Entretanto, para obtermos uma visão informativa, temos que

consultar documentos e fontes primárias (Candido, 1993: p. 31). Nesse sentido, necessitamos começar a realizar novas leituras e novos levantamentos empíricos sobre a história do futebol brasileiro, ao invés de promover um discurso romântico de construção da nação ou de militância politicamente correta.

Bibliografia

- Berlin, Isaiah 1982 *Vico e Herder* (Brasília: Editora da Universidade de Brasília).
- Bourdieu, Pierre 1990 “Elementos para uma sociologia do esporte”, em *Cosas Ditas* (São Paulo:, Editora Brasiliense).
- Caldas, Waldenyr 1990 *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro* (São Paulo: Ibrasa).
- Candido, Antonio 1993 *O discurso e a cidade* (São Paulo: Duas Cidades).
- Eco, Umberto 1976 *Apocalípticos e integrados* (São Paulo: Ed. Perspectiva).
- Freyre, Gilberto 1938 “Foot-Ball mulato”, em *Diário de Pernambuco*, 17-06-1938, s/p.
- Freyre, Gilberto 1959 *Ordem e progresso* (Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio editora, vol I e II).
- Galeano, Eduardo 1995 *Fútbol a sol y sombra* (Buenos Aires: Catálogos).
- Gordon Jr., César C. 1995 “História Social dos Negros no Futebol Brasileiro”, em *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, n° 2 (Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural/SR 3: 71-90)
- Gordon Jr., César C. 1996 “‘Eu já fui preto e sei o que é isso’, História Social dos Negros no Futebol Brasileiro: segundo tempo”, em *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, n° 3/4 (Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural/SR 3: 65-78)
- Guedes, Simoni L. 1977 *O futebol brasileiro- Instituição Zero* (Rio de Janeiro: Tese de mestrado/Museu Nacional/UFRJ).
- Hobsbawm, E. 1997 “A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1789 a 1914”, em *A invenção de tradições* (Orgs.) Éric Hobsbawm e Terence Ranger (Rio de Janeiro, Paz e Terra).
- Hobsbawm, E. 1990 *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade* (Rio de Janeiro: Paz e Terra).
- Leite Lopes, José S. 1994 “A vitória do futebol que incorporou a Pelada”, em *Revista da USP*, Dossiê Futebol (jun, jul, ago). n. 22 (São Paulo: USP: 64-83)
- Mandell, Richard D. 1986 *Historia cultural del deporte* (Barcelona: Edicions Bellaterra).
- Mattos, Cláudia 1997 *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol* (Rio de Janeiro: Rocco).

- Murad, Maurício 1994a *Todo esse lance que rola. Uma história de namoro e futebol* (Rio de Janeiro: Relume Dumará).
- Murad, Maurício 1994b “Corpo, Magia e Alienação - o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social”, em *Pesquisa de Campo*, n° 0 (UERJ/Departamento Cultural/ SR-3: pp. 71 - 78).
- Murad, Maurício (1996) “Futebol e Violência no Brasil”. In: *Pesquisa de Campo*, N. 3/4, (UERJ/Departamento Cultural/ SR-3: pp. 89-103).
- Propp, Vladimir. I. 1984 *Morfologia do Conto Maravilhoso* (Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária).
- Rodrigues Filho, Mário 1943 *Copa Rio Branco*, 32. Prefácio de José Lins do Rego (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores).
- Rodrigues Filho, Mário 1947 *O Negro no Futebol Brasileiro*. Prefácio de Gilberto Freyre (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores).
- Rodrigues Filho, Mário 1964 *O Negro no Futebol Brasileiro* (São Paulo: Civilização Brasileira).
- Rosenfeld, Anatol 1993 *Negro, Macumba e Futebol* (São Paulo: Editora Perspectiva).
- Santos, Joel R. 1981 *História política do futebol brasileiro* (São Paulo: Ed. Brasiliense).
- Scher, A. & Palomino H. 1988 *Fútbol: pasión de multitudes y elites: un estudio institucional de la Asociación de Fútbol Argentino (1934-1986)* (Buenos Aires, CISEA)
- Sevcenko, Nicolau 1994 “Futebol, Metrópole e Desatinos”, em *Revista da USP*, Dossiê Futebol (jun, jul, ago). N° 22 (São Paulo: USP: 30-37)
- Skidmore, Thomas E. 1994 *O Brasil visto de fora* (R J: Paz e Terra).
- Soares, A. J. e Lovisolo, H. 1997 “O futebol é fogo de palha: a profecia de Graciliano Ramos”, em *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, n° 2 (Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural/SR 3).
- Soares, Antonio. J. G. 1998a *Futebol raça e nacionalidade no Brasil.- releitura da história oficial* (Rio de Janeiro: UGF, PPGEF, tese de doutorado).
- Soares, Antonio. J. G. 1998b “O racismo contra o Vasco e a fundação da Amea: uma história de identidade”, em *VI Congresso de História do Esporte, Lazer e da Educação Física: coletânea*. (Rio de Janeiro: Editoria Central Gama Filho/IHBG/INDESP, vol. 6: p. 1 39-145).

Souza, Marcos A. 1996 “Gênero e Raça: a nação contruída pelo futebol brasileiro”, em *Cadernos Pagu (jun-jul) Raça e Gênero* (Campinas: Núcleo de Estudos do Gênero/UNICAMP).

Vianna, Hermano 1995 *O mistério do Samba* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.).

Vogel, A. 1982 “O Momento Feliz, Reflexões sobre o Futebol e o ethos nacional”, em *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*/Org. Roberto DaMatta (Rio de Janeiro: Pinakothek).

Watt, Ian. (1997). *Mitos do individualismo moderno*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Notas

1. Entrevista dada a Revista *Estudos Históricos*, n. 6, Rio de Janeiro, 1990.

2. Utilizaremos aqui as iniciais NFB para nos referirmos ao livro.

3. No sentido de esclarecer o leitor, Mário Rodrigues Filho (1908-1966) foi um famoso jornalista que despontou na imprensa esportiva no ano de 1927 (no Jornal de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues) e só parou em 1966 em função da morte tê-lo pegado de surpresa. Mário foi um inventor de tradições no campo da cultura esportiva no Brasil. Foi proprietário idealizador do primeiro jornal especializado em esportes no país e também proprietário do Jornal dos Sports. Seu Jornal e seu jornalismo nunca se limitaram a noticiar passivamente os fatos esportivos. O Jornal dos Sports, sob sua direção, atraiu intelectuais e homens da literatura para escrever sobre esporte, participou de polêmicas sobre o esporte nacional, criou a partir do seu jornal eventos esportivos para juventude e para o esporte em geral (Jogos da Primavera, torneios de futebol infantil e adulto, promoções esportivas no futebol profissional e promoveu competições esportivas em todos os níveis e categorias), foi um militante incansável a favor da construção do Maracanã para sediar a Copa de 1950 (Estádio que após sua morte em 1966 recebeu o seu nome). Em síntese pode dizer que Mário Filho fez dos esportes seu negócio, tema de sua literatura (escreveu a maioria de seus livros nesse campo, embora tenha escrito poucos romances), sua arena política e, segundo o falecido jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues (irmão de Mário Filho), sua razão de existência.

4. No sentido de delimitação tomo os texto que escrevem sobre o futebol academicamente como material empírico, os autores e seus texto assim funcionam como exemplares da tese que estou defendendo. Os principais são os seguintes: Murad (1994b e 1996), Gordon Jr. (1995 e 1996), Leite Lopes

(1994), Mattos (1997), Santos (1981) e Caldas (1990). Caso o leitor deseje uma visão mais densa sobre o material empírico consultar Soares (1998a).

5. Defino “freyrismo popular” como a crença em que no Brasil não existe racismo ou preconceito racial. Sabemos que Gilberto Freyre não compartilhava a idéia de que não existe racismo ou preconceito racial no Brasil. Essa idéia foi construída a partir da inspiração paretiana.

6. Nesse sentido ver também Umberto Eco (1976) quando analisa a cultura do romance entrelaçada com a cultura das “histórias em quadrinhos”. Em minha tese discuto as produções dos acadêmicos também a partir desta perspectiva.

7. Cf. Souza (1996). Este estudo trabalha com hipóteses semelhantes. O texto de Vianna (1995) em muito inspirou a construção de nossas hipóteses.

8. A referência básica para pensar o NFB como estrutura do conto foi a obra de Propp (1984). O estudo de Propp foi uma das referências que Lévi-Strauss utilizou para pensar a estrutura do mito.

9. O autor não utiliza a idéia de segregação, proibição explícita, pois, trabalha com a imagem de que os negros eram poucos nesse espaço social.

10. Mário Filho destaca jogadores negros que pertenciam às elites. Cita Joaquim Prado, jogador do aristocrático Clube Paulistano, Basílio Vianna, jogador e fundador do Clube de Regatas Botafogo, entre outros. Joaquim Prado é descrito como um lorde pela educação, pela forma com que se vestia e pelas posses. Mário Filho diz que as pessoas não viam Joaquim Prado como negro, mas quando o viam assim era para admirá-lo mais. (Cf. Mário Filho, 1964: p. 12-3)

11. Poder-se-ia dizer que pouco importa se Charles Miller foi ou não o primeiro a introduzir ou anunciar esta prática esportiva entre nós. A história da origem é, no mínimo, pouco significativa. Se se leva em consideração a penetração inglesa no Brasil, em investimentos e recursos humanos, nada mais fácil de supor que os ingleses trouxeram o futebol e as bolas vendidas pelos comerciantes. Boa parte das importações, senão a maior, provinha da Inglaterra, tendo o pico entre o final do XIX e início do XX. Uma forte colônia inglesa gerenciava negócios financeiros e industriais no Brasil. Assim, os produtos e os hábitos ingleses, o estilo de vida inglês, penetrava o cotidiano das grandes metrópoles. O *tea o'five* era um hábito muito comum entre as elites brasileiras ou, se preferir, entre o “leite” local. Acompanhar um estilo de vida europeu significava, para as elites brasileiras, aderir aos marcos da civilização, do progresso e construir a distinção social, sem contar com o fato que nossas elites se formavam na Europa não ibérica, e que Coimbra já havia deixado de ser o pólo de formação de nossa cultura. Parece mais plausível, dian-

te desses dados, pensar que o futebol e outros esportes surgem no Brasil numa configuração da formação das metrópoles e de um novo estilo de vida. O processo de padronização técnica e industrial, os novos ritmos e destrezas impostas ao corpo pela metrópole, as necessidades de integração de uma massa de imigrantes, a adesão aos estilos de vida considerados civilizados, fizeram do esporte um elemento adequado a estas novas demandas que se formavam nas metrópoles de Rio e São Paulo. Sevcenko (1994) aponta que futebol no Brasil teria seguido dois caminhos: “[U]m foi o dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times de várzea, o outro foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite” (p. 36). Portanto, a questão se foi Charles ou outro que trouxe o futebol para o Brasil é secundário e até certo ponto infantil do ponto de vista histórico.

12. No sentido de auxiliar algum não brasileiro que venha a consultar este texto, esclareço que pelada ou racha significa um jogo de futebol onde o campo de jogo e as regras são improvisadas.

13. Esse argumento esta nas elaborações do sociólogo italiano Domenico De Mais.

14. A AMEA é fundada em 1º de março de 1924.

15. O próprio Mário Filho comenta que o Botafogo em 1923 quase teria sido rebaixado para a divisão inferior e relata o conflito que surgiu a partir dos grandes clubes, quando estes reivindicaram mais cotas de poder no interior da antiga liga de futebol. Cf. Soares (1998-b).

16. Observe-se que esse título muito se assemelha ao título do último capítulo da primeira edição de *Sobrados & mocambos*, “Ascensão do bacharel e do mulato”. Cf. Soares (1998-a), especialmente capítulo 5, “Gilberto Freyre e o negro no futebol”.

17. Observe-se que Mário Filho cita *Sobrados & mocambos* em nota de rodapé para fundamentar essa crença nos santos.

18. Publicou importantes romances que tinha como tema o cenário nordestino, econômico, político e seu povo, pertenceu a Academia Brasileira de Letras, publicou durante muitos anos uma coluna esportiva. Lins do Rego era amigo pessoal de Gilberto Freyre e foi por seu intermédio que Mário Filho se aproximou e tornou-se amigo de Freyre.

19. Cf. Rosenfeld (1993). O autor diz que Mário Filho confunde mobilidade econômica com *status* ou mobilidade social. Por exemplo, pode-se ter mobilidade social sem se ter necessariamente mobilidade econômica.

20. Cf. Guedes (1977) e Vogel (1982). Ambos os textos realizam interessantes análises sobre as representações de morte coletiva a partir das categorias de Victor Turner.

21. Mário Filho, no capítulo “A provação do preto”, prepara o terreno indicando que suspeitas eram levantadas quanto à capacidade moral e psicológica dos negros, principalmente para ocupar a posição de goleiro.
22. A história se transformou em mito, pois, a cada nova versão acréscimos e supressões são realizadas. Cf. Soares (1998-a), especialmente o capítulo 8.
23. Acredito ser essa uma questão de cunho teórico que deva ser levada em consideração em análises deste tipo.
24. Freyre destaca, em *Ordem e progresso*, a surpresa dos estrangeiros por não existir no Brasil escravocrata nenhuma lei que estabelecesse diferenças de direitos civis entre brancos, negros e mulatos. Esta é uma das marcas que diferenciam, para Freyre, o preconceito racial no Brasil da segregação institucionalizada nos Estados Unidos. De fato, confundir preconceito com segregação institucionalizada leva a uma indiscriminação sociológica. Cf. Freyre (1959: 298-337).
25. Cf. Skidmore (1994), especialmente o capítulo “O negro no Brasil e nos Estados Unidos”.
26. Observe-se que toda a descrição de proibição anunciada por Mário Filho diz respeito aos critérios de definição do jogador amador, e esses critérios eram mais ou menos universalizados em todos os países onde o esporte não se tinha profissionalizado. O amadorismo deve ser pensado como um código de distinção social. Cf. Mandell (1986), Sacher & Palomino (1988) e Bourdieu (1990).
27. Observe que as elaborações do Professor Maurício Murad caminham na direção de naturalizar a idéia de cultura quando analisa o estilo brasileiro de futebol. Suas construções são românticas ao estilo de Herder. Cf. Berlin (1982).
28. *Diário de Pernambuco*, 17/6/38.
29. Observem como os termos preconceito e *segregação* são equivalentes no texto.
30. Observe-se que Gordon Jr. ataca a democracia racial e não relaciona o livro de Mário Filho como um típico exemplar dessa ideologia. Diz Gordon Jr. (1995: 74): “A constatação dessa lenta mudança, no entanto, não pode ser confundida com a idéia de plena ‘democracia racial’ ou com a ilusão de que por intermédio do futebol pusemos fim ao racismo. O livro de Mário Filho nos apresenta fatos que constituem um processo de democratização das relações raciais dentro da sociedade brasileira, no qual o futebol exerceu um papel de grande importância. Mas um processo que, não custa repetir, está longe de seu término”. O erro de Gordon jr. é não ter consultado a primeira edi-

ção do NFB (1947) e observado que Mário Filho retirou as frases e parágrafos que tinham posto fim ao racismo no futebol para acrescentar dois novos capítulos na segunda edição.

31. Cf. Soares (1998-a), onde se demonstra que o racismo no sentido imputado ao “caso do pó-de-arroz” se enfraquece a partir da própria fonte utilizada. Carlos Alberto era jogador do América e, junto com outros jogadores, se havia transferido para o Fluminense. Conta a versão fundadora que Carlos Alberto teria sentido mais o peso de sua “mulatice” no Fluminense do que no América e por essa razão empouou o rosto para disfarçar sua cor.

32. Cf. Soares (1998-a). O jogador Manteiga era negro e praça da Marinha, e sua ida para o clube pequeno-burguês teria causado reações racistas.

33. Cf. Leite Lopes, (1994: 82). Esse autor cita caso do jogador Monteiro, que morreu de tuberculose, como “caso-limite e vítima do excesso de atividade, de abnegação pelo clube-empresa e do desgaste do amadorismo do jogador proletário”, descrito na obra de Mário Filho. Observe-se que a análise de Leite Lopes é quase ficcional se pensarmos que a tuberculose não batia à porta somente de proletários e pobres naquela época.

34. Cf. Soares, 1998-b.

35. Cf. Soares (1998-a). Esse é mais um dos mitos construídos a partir do jornalista Mário Filho.

36. Acompanhei as crônicas de Mário Filho no *Jornal dos Sports* de julho de 1950 a agosto de 1954.

37. Especialmente seus comentários: a nota 8 que diz que essa versão de Mário Filho não é aceita de forma unânime. Mas muitos dos “novos narradores” a citam; Murad é um exemplo destes reprodutores.